FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA
CURSO DE LETRAS

DÁVYLA SILVA SOUSA
NAILANE DA COSTA
THACYANNE LIMA COSTA

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NAS OBRAS ROMÂNTICAS E REALISTAS: análise das obras Senhora de José de Alencar e O Cortiço de Aluísio de Azevedo.

Chapadinha
2014

DÁVYLA SILVA SOUSA
NAILANE DA COSTA
THACYANNE LIMA COSTA

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NAS OBRAS ROMÂNTICAS E REALISTAS:
análise das obras Senhora de José de Alencar e O Cortiço de Aluísio de Azevedo.

Monografia apresentada ao curso de Letras da Faculdade do Baixo Parnaíba para obtenção do grau de licenciados em Letras.

Orientador(a): Profº. Claudio José Rêgo Chaves.

Chapadinha
2014

Sousa, Dávyla Silva.

A representação feminina nas obras românticas e realistas: análise das obras senhora de José de Alencar e o Cortiço de Aluísio de Azevedo/Dávyla Silva Sousa; Nailane da Costa; Thacyanne Lima Costa.- Chapadinha, 2014.

53 f.

Monografia (Graduação em Letras) – Curso de Letras, Faculdade do Baixo Parnaíba, 2014.

1. Mulher 2. Literatura. 3 Romantismo 4. Realismo I. Costa, Nailane da II. Costa, Thacyanne Lima III. Título.

CDU 82-93

DÁVYLA SILVA SOUSA
NAILANE DA COSTA
THACYANNE LIMA COSTA

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NAS OBRAS ROMÂNTICAS E REALISTAS:
análise das obras Senhora de José de Alencar e O Cortiço de Aluísio de Azevedo.

Monografia apresentada ao curso de Letras da Faculdade do Baixo Parnaíba para obtenção do grau de licenciados em Letras.

Aprovada em: ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

_____
Profº. Claudio José Rêgo Chaves (Orientador)
Faculdade do Baixo Parnaíba

_____
(1° Examinador)

_____
(2º Examinador)

A nossas famílias pelo amor, incentivo e compreensão.

Aos mestres que contribuíram para nosso crescimento profissional e individual.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos nossos familiares, pelo incentivo, para que pudéssemos trilhar esse caminho e alcançar este sonho tão esperado.

Ao professor orientador, Claudio José Rêgo Chaves, que sempre nos motivou a estudar Literatura e nos auxiliou em toda a pesquisa acadêmica, obrigado por seu comprometimento e colaboração durante as orientações.

A todos os professores do Curso de Letras e a turma que durante esta caminhada nos possibilitaram a construção de novos saberes.

Agradecemos aos nossos colegas pelas palavras de conforto nas horas difíceis, pelo auxilio nos trabalhos e principalmente por estarem conosco nesta caminhada tornando-a mais fácil e agradável.

Quem escrever a respeito de mulheres deve molhar a pena nas cores do arco-íris e secar-lhes a tinta com a poeira dourada das borboletas.

Denis Dedero.

RESUMO

A mulher, desde a pré-história, foi considerada um ser frágil e inferior, sendo subordinada inteiramente pelo homem. Enquanto criança, como filha pelo pai e depois de adulta, pelo marido, como esposa. Com a evolução histórica a mulher passou por várias transformações em diversos aspectos, dentre eles, social, intelectual, moral e afetivo. Essas transformações históricas contribuíram para as diferentes personalidades femininas apresentadas na literatura no decorrer dos tempos. A partir desse enfoque, esse trabalho tem como objetivo analisar a evolução da mulher dentro do contexto histórico e na literatura brasileira mediante suas diferentes características apresentadas nas obras românticas e realistas procurando sempre fazer uma comparação entre a mulher na história e sua representação nas obras literárias da época. Para estabelecer essa relação, este estudo se deu pela análise de obras de diferentes momentos literários: a obra romântica Senhora de José de Alencar, e a obra realista O cortiço de Aluísio de Azevedo. Condutas, valores, preceitos foram analisados, visando uma maior compreensão acerca de contrastes existentes entre as obras analisadas e a época em que foram produzidas. Tal estudo realizou-se baseado em autores como Amora (2010), Alencar (2000), Azevedo (2007), Candido (1985), Del Priore (2001), Moisés (2008), entre outros. Desta maneira, apresentam-se reflexões sobre as obras e a forma com que autores abordaram o tema “mulher” em cada uma delas. Para isso,fez-se necessáriorealizar estudos bibliográficos baseadosem diferentes autores que tratam do perfilfeminino nas obrasromânticas erealistas.

Palavras-chave:Mulher. Literatura. Romantismo. Realismo.

ABSTRACT

The woman, from pre-history, was considered a weak and inferior beings, being entirely subordinate to man. As a child, a daughter by father and as an adult, her husband, as a wife. With the historical evolution the woman has undergone several transformations in various aspects, including social, intellectual, emotional and moral. These historical transformations contributed to the different female personalities presented in literature throughout the ages. From that approach, this paper aims to analyze the evolution of women within the historical context and Brazilian literature through its different characteristics presented in the romantic and realistic works always trying to make a comparison between the woman in the story and its representation in literary works of time. Toestablish this relationship, this study was done throughanalysisofliteraryworks from differentmoments: a romantic workofMrs.Joséde Alencar, andthe work's realistictenementAluisio deAzevedo. Ducts, values,preceptswere analyzed, aiming a betterunderstandingofthe contrastsbetween the worksanalyzed andthetime they wereproduced. Thisstudywas carried outbased onauthors likeAmora(2010), Alencar(2000), Azevedo(2007), Candido(1985), DelPriore(2001), Moses (2008), among others. Thus, we present reflections onthe worksandthe way in whichauthors addressedthe theme"woman" in each of them. For this,it was necessary toconductbibliographic studiesbased on differentauthors dealing withfemaleprofilein the romanticandrealistic works.

Keywords: Woman. Literature.Romanticism. Realism.

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO.....**	09
2	**LITERATURA E REALIDADE.....**	11
3	**O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE:** contexto geral	14
3.1	**O perfil da mulher dentro da literatura.....**	18
4	**CONTEXTO HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS.....**	19
4.1	**Romantismo.....**	19
4.2	**Realismo.....**	22
5	**A MULHER NO ROMANTISMO E NO REALISMO:** História e Literatura...	25
6	**CONHECENDO AS OBRAS:** Senhora, de José de Alencar e O cortiço, de Aluísio de Azevedo.....	28
7	**ANÁLISE DAS OBRAS.....**	36
7.1	**Senhora de José de Alencar.....**	36
7.2	**O cortiço, de Aluísio de Azevedo.....**	41
8	**CONCLUSÃO**	
	REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Ao analisar o papel da mulher dentro da sociedade percebe-se que hoje a mulher é produto de uma longa evolução diante de uma sociedade essencialmente machista e também preconceituosa. Essa reflexão acerca do papel social da mulher começa desde as primeiras sociedades, a mulher era vista, dentre outras coisas, como simples meio de reprodução, sendo submissa ao pai e, após adulta, devia submissão ao marido. Aos homens competia o dever de caçar e de cuidar da segurança do grupo, às mulheres se aplicavam a coleta de alimentos, cuidado dos filhos, esposo e da casa. Eram vistas por muitas sociedades como desprovidas de razão, sendo incapazes de realizar atividades destinadas aos homens.

Aos poucos, a mulher foi conquistando seu lugar na sociedade. Após a primeira Revolução Industrial esta passou a ser vista como uma figura importante na sociedade e começou a conquistar seu espaço no mercado de trabalho, mesmo não sendo uma luta fácil, pois foram necessários vários séculos depois para que essa realidade fosse totalmente concretizada.

A literatura é influenciada pela história e deixou, portanto, elementos escritos que demonstram a cultura, o modo de pensar, de falar e preceitos que permitem reconstruir épocas passadas. Deste modo, a mulher foi representada na literatura tal como era tratada na época em que as obras literárias foram produzidas.

O Romantismo surgido na Europa, no final do século XVIII, floresceu em meio às profundas transformações da Revolução Francesa e Revolução Industrial. Assim, seu reflexo na literatura trazia intrinsicamente os valores burgueses. A mulher, nesse contexto social, vivia exclusivamente no ambiente doméstico, enquanto moça, era preparada para ser esposa e mãe, lia romances e tinha uma vida de donzela. Essa dama era vista pelos escritores românticos como um ser idealizado, perfeito e essa idealização era expressa nas poesias através de elogios e, muitas vezes, com o sentimento de não merecer a mulher amada.

O Realismo, movimento literário que contrapõe os ideais românticos, surgiu a partir da segunda metade do século XIX. Esse foi um período de extremas mudanças nas civilizações burguesas, industriais e materialistas. A mulher, nesse movimento literário, assume o perfil de um ser sedutor, dotado de imperfeições. O Realismo retrata fielmente a realidade, mostrando as mazelas da sociedade e

ofracasso das instituições sociais que vivem de aparência.

Dessa maneira, percebe-se que a história influencia diretamente na literatura, sendo que a representação feminina nas obras românticas e realistas demonstra a realidade da sociedade dos séculos XVIII e XIX demonstrando o perfil da mulher frente às mudanças da sociedade. De maneira especial essa reflexão foi feita a partir da análise de obras desses movimentos literários no Brasil, assim, como momento decisivo para história do Brasil nesse período, tem-se a chegada da família real portuguesa em 1808, a independência (1889) e abolição da escravatura (1888).

Nessa perspectiva, esse trabalho tem como objetivo observar a evolução da mulher na história e na literatura brasileira a partir da análise de obras de movimentos literários distintos: Romantismo e Realismo. As obras escolhidas para análise foram Senhora,de José de Alencar, pertencente ao Romantismo e O cortiço, obra de Aluísio de Azevedo, pertencente ao movimento Realista.

2 LITERATURA E REALIDADE

Sabe-se que a literatura é a arte da palavra. Através dela o homem consegue avançar historicamente. Desde os primórdios das civilizações o homem sentiu a necessidade de registrar seus feitos, seus pensamentos e emoções. Como destaca Reis (2014),

> As infinitas manifestações artísticas expressas pela pintura, música, arquitetura, dança, escultura e outras cumprem uma função social de uma determinada época: o de descrever a realidade vivida por um povo, suas crenças e valores, sua cultura, seus costumes, suas ideologias políticas e sociais. Indiscutivelmente, não há como falar em literatura sem trazer a história, pois é ela que a sustenta.

Pode-se comprovar tal afirmação a partir da observação do painel literário, pois assim como o quinhentismo possui traços voltados para a literatura informativa, de linguagem arcaica, objetivando retratar precisamente aquela época, o avanço tecnólogico fez surgir uma nova visão da literatura trazendo novos objetivos voltados não apenas para marcar a época vigente, mas, procurando fazer com que o homem reflita sobre as relações que existem à sua volta, a si mesmo como sujeito desse meio e que pode transformar situações que aparentente são imutáveis.Assim:

> [...] como a filosofia que leva o indivíduo a questionar, a refletir sobre valores ideológicos, questões acerca da vida social, cultural e política de uma nação, a literatura também cumpre esse papel, porém de forma muito mais abrangente, assim como tudo que ela representa porque consegue ultrapassar as fronteiras de um país, uma época, um século e ser imortal. (REIS, 2014).

A relação entre literatura e realidade vem sendo discutida há séculos. Pensava-se em literatura como uma cópia da realidade, depois de muitos estudos percebeu-se que a literatura, como arte, não oferece essa cópia fiel do real como é o caso das esculturas, pinturas que retratam uma parte da realidade, ou seja, um instante que é exposto mediante o olhar do artista que a concebeu.

Já a Literatura apresenta imagens do mundo habitual transformadas em palavras. Assim, o universo das palavras é capaz de proporcionar uma representação da realidade, realidade não tal qual se conhece ou vive. É por isso que: “[...] um escritor pode inventar diversas estórias, e não unicamente a história da sua vida, e [...] o poeta pode ser um fingidor, que finge não somente as suas dores e alegrias, mas as possibilidades infinitas que podem ser vividas pelo eu-lírico (REIS, 2014)”.

A Literatura caracteriza-se pela manisfestação artística das palavras, transmite emoções, expressa o pensamento do homem por meio das palavras. Desta forma, ajuda a entender a sociedade, pois a partir da interpretação das obras literárias pode-se analisar as aspirações que o autor teve ao escrever determinada obra, como também compreender valores que estavam implícitos na sociedade.

A partir disso, é importante ressaltar a relação da Literatura com a História, pois literatura incumbe-se das representações, enquanto o historiador reinterpreta o encontro entre textos e leitores, como leitores apropriam-se dos diferentes textos em momentos históricos diferentes.

> Podemos assim perceber que a literatura como fonte cumpre seu papel primordial que é fornecer elementos substanciais na construção de uma versão da verdade dos fatos. Nesse sentido, acreditamos que todo testemunho histórico, independentemente de ser um documento oficial ou uma obra de arte, traz consigo significações que serão entendidas quando devidamente analisada sua relação com o contexto histórico no qual o objeto foi produzido, revelando as lutas, apropriações, acomodações e etc., que a vitória de determinado “projeto de cultura” deixou cravada no interior de determinado grupo social (PESAVENTO, 2014, grifo do autor).

Assim sendo, a Literatura encontra sua razão de ser mediante a necessidade de expressar a sociedade, e os artistas, por sua vez, utilizam a produção de obras e criam um mundo literário que correlatam uma estrutura social. Desta forma, pode-se dizer que a arte literária tem seu caráter social, pois é uma forma de expressão que se utiliza da visão de mundo construída socialmente.

A partir disso, pode-se dizer que um escritor não produz nenhuma obra a partir do nada, ele tem um contato com a sociedade, com a cultura e a história. Como destaca Candido (1985, p. 24).), “a criatividade, a imaginação e a originalidade partem das condições reais do tempo e do lugar, as quais podem ser concretas ou não, da existência social e de suas experiências”.

Assim, ao criar uma obra, o autor insere-se na sua realidade sociocultural. Com ela dialoga, produzindo sua própria representação por meio de sua vivência e seus interesses. “Mas não é simples refletor dos acontecimentos sociais; ele os transforma, combina, cria e devolve o produzido à sociedade” (DAVI, 2007, p.12). Dentro desta perspectiva, a literatura é considerada fruto de um processo social (CANDIDO, 1985), por isso apresenta propriedades específicas que devem ser analisadas, visando conhecer sua representação e a relação estabelecida com o real.

Considerando que realidade é tudo aquilo de que se tem consciência, um

livro, uma letra, a alegria, Deus, (AMORA, 2010), sem perceber cria-se uma concepção de realidade, desta forma não é difícil “chegar à conclusão de que o conteúdo de uma obra literária é um conjunto de ideias e imagens da realidade ou, como dizem alguns teóricos da literatura, é uma *supra–realidade”* (AMORA, 2010, p. 85). Assim, a obra literária pode ser considerada essa supra-realidade, pois a consciência tem o poder de exercer no psiquismo efeitos semelhantes aos que exerceria a realidade que ela produz (AMORA, 2010). Essa concepção explica a empolgação que se tem ao ler um romance ou a comoção ao ler um poema sentimental.

Em síntese, entre o conteúdo de uma obra literária e a realidade “não há uma relação de igualdade, mas, indiscutivelmente, de equivalência; [...] porque produto da arte de ver e de dizer, do escritor atua mais [...] em nosso psiquismo que a própria realidade.” (AMORA, 2010, p. 85). Assim a realidade torna-se presente dentro da obra, e mostra-se real a partir das visões do autor.

3 O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE: contexto geral

A pré-história, como conceitua a maioria dos estudiosos, marca o início do desenvolvimento social humano. E a partir de tal período percebe-se uma exclusão da figura feminina, até mesmo na nomenclatura ao citarem “homens das cavernas” a justificativa apresentada pelos antropólogos é que a maioria dos fósseis encontrados era de caráter masculino. Começa, a partir de então, a formulação de um contexto histórico machista, onde o centro das conquistas e acontecimentos voltava-se para figura masculina.

Ao analisar cuidadosamente a importância da mulher nos diferentes contextos sociais, aos poucos surgem as descobertas que colocam a mulher como tendo uma função primordial dentro das primeiras civilizações, como afirma Rainer Gonçalves em seu trabalho sobre “O cotidiano da mulher na Pré-História”,

> Nas pesquisas mais recentes, vemos que esse papel limitado da mulher não passou de uma grosseira reprodução dos valores patriarcais que dominavam as ciências que fundamentam o conhecimento pré-histórico. Já antes da descoberta da agricultura, temos vestígios de que as mulheres tinham um papel ativo no processamento da caça. Vestígios analisados mostram que as mulheres auxiliavam no corte das carnes e no deslocamento dos animais que eram mortos com fins alimentares.Além disso, podemos ter situações em que as mulheres eram as grandes responsáveis por “colocar comida dentro de casa”. (SOUSA, 2013).

Assim, por a pré-história ser caracterizada pela inexistência de documentos escritos, a mulher pode ter exercido inúmeras funções até então desconhecidas. E ressaltando sua importância dentro do contexto social, observa-se a existência não de “sociedades matriarcais, e sim matricêntricas, pois a mulher não dominava, mas as sociedades eram centradas nela por causa da fertilidade”(NASCIMENTO, 2013).

Sabe-se que na Idade Média a Igreja Católica Romana tinha predomínio cultural e religioso sobre a mentalidade popular, assim, vários fatores religiosos intensificavam a importância da figura feminina na sociedade, como destaca LE GOFF (20011, p.119), “a partir do século XII a imagem de Maria se impõe na sociedade medieval [...] essa intensa valorização da imagem de Maria na Idade Média intensificou a presença e a promoção feminina na religião”.

Nessa época o casamento era uma forma de a Igreja Católica controlar a sociedade, assim os casamentos eram mantidos dentro dos dogmas da igreja. “Nessa época já é possível falar em um *modelo conjugal cristão* que se manteve até

a época moderna, em que os laços matrimoniais eram eternos, garantindo aos homens a limitação da quantidade de filhos legítimos" (DUBY, 1990, p. 362). O casamento era escolhido pelas famílias, optando-se por noivos correspondentes à mesma família evitando, assim, disseminação dos bens. Nas famílias menos favorecidas as noivas tinham mais autonomia quanto suas escolhas conjugais, mas em ambos os casos a diferença na faixa etária era marcante, mulheres muitos jovens em relação a seus maridos.

As mulheres eram tratadas diferentemente quanto à faixa etária e classes sociais as quais pertenciam, estas exerciam diferentes funções dentro do lar. Como destaca Amaral (2014):

> Poucos eram os relatos sobre a vida das camponesas, mas sabe-se que devido à condição social dos maridos, ao contraírem matrimônio, elas teriam que trabalhar muito e trabalho na época era uma condição bastante subalterna. As senhoras da elite deveriam ter uma grande capacidade de administração, pois lhes cabia todo o controle da dispensa, da criadagem e do suprimento de vestimentas da casa.

Desta forma, observa-se o papel primordial da mulher na organização familiar, mostrando-se resistente ao trabalho tanto quanto o homem. E ainda, na Idade Média, alguns documentos publicados em Paris no século XIII apresentam as mulheres com outras funções além de mães e esposas, aparecem mulheres médicas, professoras, entre outros cargos de destaque na socidade.

Na Idade Moderna a mulher sofre uma desvalorização, é vista pela Igreja Católica como principal responsável pela queda do homem no pecado, incluindo também esta como símbolo de tentação, podendo afastar o homem de Deus, respectivamente por ser repleta de paixões avassaladoras, era alvo fácil de tentações. Depois de seu nascimento, independente de classe social, todas as moças passavam a ser delimitadas pela relação de dependência ao homem, primeiro o pai e depois o marido.

Como destaca Hufton (1994, p. 23) "uma Mulher é uma Filha, uma Irmã, uma Esposa, e uma Mãe, um mero apêndice da Raça Humana". Esta frase descreve perfeitamente o papel da mulher na idade moderna, independentemente de classe social, a mulher deveria ter esse perfil: amorosa, cuidadosa, carinhosa, zelosa e fiel ao seu papel de mãe e esposa.

Percebe-se então uma submissão total ao homem, inicialmente como filha, pois era protegida, guardada pelo pai até o casamento, e a partir daí a submissão seria ao marido.

O casamento era de extrema relevância,na verdade era uma instituição social, pois o marido dava à esposa sustento e nome, em recompensa ela seria companheira e mãe. Essa realidade conjugal, quanto à busca de uma posição social elevada, restringia-se às classes sociais mais favorecidas, pois

> [...] apenas as mulheres pobres trabalhavam [...] as mulheres precisavam de um dote para casar e isto, nas classes pobres, estava intimamente ligado ao trabalho, pois era a própria mulher que oferecia seu dote. [...] Além do objetivo do casamento, essas mulheres precisavam trabalhar para garantir o seu próprio sustento, pois sua família não podia sustentá-la sozinha (VIEIRA et al, 2013.).

A partir desse trecho, percebe-se que não houve mudança no tratamento das mulheres quanto aos períodos passados. A mulher tinha tratamento diferenciado quanto à posição social.

Foram inúmeras as transformações desde os tempos primitivos à atualidade, como destaca Martinez (2014),

> O papel social da mulher vem se transformando desde o século passado. Hoje mulheres assumem diferentes funções perante a sociedade, e têm maior autonomia, liberdade de expressão e decisão, e voz crítica. Podem decidir quanto ao estudo e trabalho que querem exercer, bem como quantos filhos querem ter. Não são mais submissas ao homem, e na sociedade moderna não se acredita na inferioridade da mulher. Mesmo que os direitos e deveres ainda não sejam iguais, foram conquistados patamares similares. Há ainda mudanças a serem feitas e questões sobre gênero e igualdade social devem estar presente na pauta de discussões e tomada de decisões para a construção de uma sociedade igualitária visando à importância dos direitos humanos.

Historicamente pode-se ver que as mulheres sempre estavam subordinadas ao poder masculino, cabendo-lhe apenas o dever de procriar, cuidar da casa, do marido e da educação dos filhos. Esse cenário sócio-histórico-cultural sofre pouca modificação ao longo dos séculos. Somente após a década de 50, com a chegada do cinema, o comportamento feminino começa a mudar.

> [...] as moças passam a espelhar suas atitudes nas que eram apresentadas pelas telas, o que é considerado então uma afronta aos bons costumes. Outro fator contribuinte para a alteração social foi a propagação da literatura no país. Folhetins, jornais e revistas apesar de tratarem dos mesmos assuntos relativos à educação praticada na época, trouxeram certo desconforto aos lares, pois tudo o que era cinema, não subvertesse comportamento até então idealizado (ALVARES, 2014).

Essas mudanças serviram para definir o perfil feminino nos dias atuais. Na década de 60 vieram os movimentos feministas iniciados na Europa que influenciaram a sociedade brasileira. E nos anos 90, com o advento da globalização, a tecnologia favoreceu desemprego de muitos homens e a mulher, que sempre buscou avanços profissionais, conquistou seu espaço na sociedade, mas não deixou

de cumprir suas obrigações domésticas.

Mas a mulher, ao longo dos anos, tem lutado para desempenhar várias funções, funções estas que eram relacionadas somente aos homens, pois antes o mercado de trabalho estava mais voltado para a força física.

Com o passar do tempo muitas mulheres deixaram de exercer apenas o papel de dona de casa, esposa e mãe para ocupar papeis de liderança à frente de empresas e importantes cargos políticos mostrando, assim, que estão aptas a executar qualquer tarefa que lhes forem impostas.

O papel social da mulher hoje é produto de uma longa evolução diante de uma sociedade basicamente machista e preconceituosa.

Após ter lutado muito pelo seu espaço na sociedade, a mulher conseguiu inúmeras conquistas. No ano de 1932 conquistou o direito ao voto, pois até então apenas os homens tinham este direito. Pode-se dizer que já houve vários avanços, principalmente no campo de trabalho, de maneira particular, no que diz respeito à criação de leis de incentivo ao trabalho da mulher. Mas mesmo assim ainda existem muitas barreiras a serem derrubadas como, por exemplo, mulheres que exercem os mesmo cargos que os homens, mas ganham menos que estes.

Pode-se dizer que a mulher, deste os primórdios, tem alcançado seus direitos e lutado por uma vida digna, pelo seu reconhecimento no mercado de trabalho. Sendo que antigamente a mulher era escravizada e usada como objeto sexual, eram úteis para fazer as tarefas domésticas e cuidar dos filhos.

No ano de 1789, na época da Revolução Francesa, a mulher começou a ganhar seu espaço na sociedade. Aos poucos foram surgindo novas descobertas e leis que influenciavam as mulheres a terem o direito de participar do mundo político.

> [...] a mulher é então um ser a que posso chamar de romântico, frágil e único. Contudo, para além da faceta mãe, feminina, mulher, etc., a mulher pode também ser trabalhadora, participativa e capaz de contribuir de algum modo para a evolução dos tempos e da nossa sociedade. (CARRUJO, 2014).

Assim, a imagem da mulher que era frágil, desprotegida, presa aos cuidados e submissão masculina, atualmente ganhou contornos que fazem dela um ser em desenvolvimento, buscando suas próprias realizações.

3.1 O perfil da mulher dentro da literatura

Analisando o papel da mulher dentro da literatura percebe-se que esta assume diferentes perfis de acordo com o momento histórico em que esteve inserida.

Dentro da sociedade portuguesa, no século XII, as mulheres, mesmo sendo moças da corte, não desempenhavam nenhum papel importante na produção intelectual, a maioria delas nem sabia ler e escrever, viviam exclusivamente, em função dos filhos e do marido. Como era de costume, tinham seus casamentos arranjados pelos pais que visavam interesses econômicos e sociais, as mulheres não tinham voz na sociedade, não podiam expressar seus pensamentos ou sentimentos, tinham que seguir aos padrões religiosos pregados pela igreja.

No século XIII d.C., tinha-se uma sociedade basicamente católica portuguesa, e ao analisar algumas cantigas trovadorescas de amigo, percebe-se que os trovadores faziam uso da ironia para desvalorizar a mulher, isso porque a sociedade da época seguia uma religião que excluía as mulheres dos papeis importantes na adoração.Os autores usavam a voz da mulher para transmitir o ponto de vista masculino sobre sentimentos e atitudes femininos, assim, ironizavam as mulheres que tentavam transgredir os padrões sociais, um tema do amor, da coita e da morte por amor.

Poucos são os registros que tratam sobre o pensamento feminino, os existentes foram produzidos por mulheres que transgrediram os padrões da sociedade, dominaram a escrita e adentraram o mundo intelectual, assim escreveram contos e trovas que revelaram o desejo e o sentimento das mulheres daquela época.

> Sempre existiram mulheres que enfrentaram a sociedade de sua época e, no século XIX no Brasil, grandes poetisas expuseram seus sentimentos e suas opiniões em sonetos, quadras, liras, em fim, em versos. As poesias selecionadas são de mulheres escrevendo em primeira pessoa sobre suas ilusões e desilusões amorosas e declarando seu amor a um desejado homem. São poesias com as características marcantes do Romantismo, só que escritas por mulheres que nos deixaram uma amostra de quem elas realmente eram. (DEL PRIORE, 2001, p. 49)

No século XIX d.C., mulheres brasileiras escreviam poesias que desafiaram sua sociedade, criticavam os padrões que as excluíam da política e da literatura, restringindo-as, ao âmbito doméstico, cuidando dos filhos e do marido.

Algumas poesias tratavam também de amores proibidos que foram reprimidos ou que nem tiveram a chance de acontecer.

4 CONTEXTO HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS

Sabe-se que uma das características da obra literária é o tipo de conhecimento da realidade que esta transmite, que é o conhecimento intuitivo e individual (AMORA, 2010), nesse contexto, a literatura deve ser compreendida como a interpretação do contexto social do momento em que o autor produz sua obra, pois nela ele coloca sua visão de mundo, sua maneira de sentir e pensar.

Vários autores (AMORA, 2010; MASSAUD, 2008; REIS, 2009) destacam a relevância do contexto histórico e sua significação para uma melhor compreensão de uma determinada obra literária, ressaltam também a complexidade da relação existente entre literatura e realidade. Isto porque tal relação, além de considerar o conteúdo social da obra, considera também sua influência na sociedade.

Sabendo disso, é importante ressaltar a contribuição ao analisar obras literárias de momentos históricos distintos. Com afirma Lukács (1968, p. 9), “a gênese e o desenvolvimento da literatura são parte do processo histórico geral da sociedade”. Desta forma, pode-se dizer que essência e o valor estético das obras literárias constituem parte do processo geral através do qual o homem faz seu mundo pela sua própria consciência (LUKACS, 1968), por isso o contexto histórico influencia em cada obra literária.

4.1 Romantismo

O Romantismo está ligado a dois acontecimentos históricos: a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, responsáveis pela formação da sociedade burguesa. A Revolução Industrial teve novos avanços que estavam sempre buscando resolver os problemas técnicos que surgiram com o aumento da produção. E a Revolução Francesa trouxe a decadência do absolutismo, abrindo

espaço para o liberalismo. Depois da Revolução Francesa seguiu-se uma época de profundas mudanças no mundo europeu.

O Romantismo foi um movimento artístico, político e filosófico surgido nas últimas décadas do século XVIII, na Europa, que perdurou por grande parte do século XIX. Caracterizou-se como uma visão de mundo centrada no individuo.

Como afirma Nejar (2011, p.94) “Se o Romantismo foi um movimento crítico, na estética, também foi um modo de ver o homem e anatureza, recuperando-os, ao operar também no juízo da civilização, tantas vezes corruptora”.

Os autores voltaram-se cada vez mais para si mesmos, retratando o drama humano, amores desgraçados, ideias ilusórias e desejos de escapismo. O Romantismo é a arte de sonho e fantasia. Valoriza as forças do indivíduo e da imaginação popular. Opõe-se à arte equilibrada dos clássicos e baseia-se na inspiração fugaz dos momentos fortes da vida subjetiva.

E no Brasil, o momento histórico é repleto por transformações como destaca Peruch (2013):

> [...] o início do século XIX foi palco de várias transformações que contribuíram de forma decisiva para a formação de uma verdadeira identidade nacional e, consequentemente, uma literatura com características mais brasileiras. A chegada da família real portuguesa em 1808 já era um indício de que aquele seria um século de profundas mudanças na estrutura política, econômica e cultural do país. D. João VI, através de medidas importantes visando ao desenvolvimento nacional, abriu os portos para comércio com o mundo, o que significava a fácil entrada de novas tendências culturais, principalmente europeias.

Assim dentre os acontecimentos no Brasil, destacam-se a fuga dafamília real portuguesa para o Brasil, era o indício que aquele século seria de profundas mudanças na estrutura política, econômica, artísticos e culturais. Essas transformações contribuíram efetivamente para a formação da identidade nacional brasileira, o país teve que abrir as portas para o comércio trazendo muitos artistas estrangeiros. Além disso,criou escolas, museus, e bibliotecas, então se percebe que a partir do ano de 1822, com a declaração da Independência do Brasil, os brasileiros passaram a viver um momento novo.

O primeiro livro a apresentar um personagem romântico foi o romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, publicado em 1774 por Johann Wolfgang von Goethe. Em Portugal o início do Romantismo foi marcado pela publicação, em Paris, do poema “Camões” de Almeida Garret, em 1825. Nesse período vários escritores liberais portuguesas saíram do país e ficaram algum tempo na França e na

Inglaterra onde tiveram contatos com as novas ideias literárias, assim passaram a defendê-las e difundi-las.

No Brasil, os escritores românticos envolvidos pelo entusiasmo nacionalista suscitado pela Proclamação da Independência, em 1822, engajaram-se também no plano de criação de uma literatura autenticamente nacional. Desta forma, em termos didáticos, o Romantismo brasileiro é iniciado no ano de 1836 com a publicação do livro de poesias *Suspiros poéticos e Saudades* de Gonçalves de Magalhães.

Inicialmente, o romântico era tudo aquilo que contrapunha o clássico, valorizava o caráter popular, o que era nacional. Portanto, o ser passa a ser o centro das atenções, resultando, assim, em uma interpretação subjetiva da realidade.

O poeta do romantismo retrata em sua obra uma realidade interior e parcial, tratando de assuntos de uma forma pessoal de acordo com o que sente.

> [...] o romântico mergulha cada vez mais na própria alma, a examinar-lhe mórbida e masoquistamente com o intento único de revelá-la e confessá-la. E embora confesse tempestades íntimas ou fraquezas sentimentais, experimenta um prazer agridoce em fazê-lo, certo da superior dignidade do sofrimento. (MOISÉS, 2008, p.143).

Desse subjetivismo resultam algumas importantes características que marcam o Romantismo: a ***idealização*;** motivado pela imaginação, o artista do romantismo passa a idealizar tudo, principalmente a mulher; ***a idealização do amor*,** o amor é o tema central do romantismo, o amor não correspondido, a perda do amado; ***a natureza como expressão do eu***, o romance é centrado nas emoções e nos estados de alma do artista; ***nacionalismo, medievalismo e historicismo***, exaltando os herois nacionais, os autores usam em suas obras o passado histórico, principalmente o medieval; ***pessimismo***, o ***individualismo*** e o ***egocentrismo***, o artista se vê diante da impossibilidade de realizar o sonho do "eu" e, assim, entra numa profunda tristeza, solidão, desespero, frustração levando-o, muitas vezes, ao suicídio, solução definitiva para o mal do século.

A partir dessas características, o Romantismo no Brasil pode ser classificado em três gerações:

GeraçãoNacionalista: Nesta geração tem-se a exaltação da natureza, criação do herói na figura do índio, também a religiosidade e o sentimentalismo.

Geração do mal-do-século: Pessimismo, desilusão, dúvida, fuga da

realidade que se manifesta na exaltação da morte e nas virgens sonhadoras. O tédio sobrevém e uma terrível angústia logo é transformada em insuportável desespero que leva ao suicídio.

Terceira geração – geração condoreira: Caracterizada pela poesia social e libertária. A poesia deixa ser apenas um lamento sentimental para ser, também, um grito de protesto político ou de reivindicação social.

4.2 Realismo

O Realismo surgiu num período de mudanças ocorridas nas civilizações industriais, burguesas e materialistas, a partir da segunda metade do século XIX. É marcado pelo surgimento das ideias liberais e o surgimento de várias cidades industriais. O Realismo é uma reação aos ideais românticos, deixando de lado a subjetividade, voltando-se para a objetividade, ao real.

> O capitalismo se estrutura em moldes modernos, com o surgimento de grandes complexos industriais; por outro lado, a massa operária urbana avoluma-se, formando uma população marginalizada que não partilha os benefícios gerados pelo progresso industrial, mas, pelo contrário, é explorada e sujeita a condições subumanas de trabalho. Essa nova sociedade serve de pano de fundo para uma nova interpretação da realidade, que gera teorias de variadas posturas ideológicas. (NÍCOLA, 1998, p.106).

Essas condições desfavoráveis fizeram com que os realistas buscassem retratar fielmente a realidade onde denunciavam as péssimas condições de vida do povo, a exploração dos operários, a influência maléfica da religião e das práticas supersticiosas que, até então, perduravam no pensamento popular.

Seguindo as tendências do Realismo na França e em Portugal, os escritores brasileiros encaminharam-se pela crítica social fazendo da literatura uma forma de análise da realidade brasileira. Nesse período, no Brasil, destacam-se as lutas pela conquista da independência (1889) e abolição da escravatura (1888).

Na segunda metade do século XIX, o Brasil passou por muitas transformações políticas e sociais. O trabalho escravo e o tráfico de negros foram extintos no Brasil quando a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, em 1888, dessa forma, o trabalho escravo acabou sendo trocado pela mão-de-obra de imigrantes europeus devido ao grande preconceito sofrido pelos negros e a sua não qualificação, os ex-escravos acabaram por serem marginalizados.

Com o aumento do comércio cafeeiro na região do Rio de Janeiro a economia açucareira entrava em declínio. Em 1954 foi construída a primeira estrada de ferro ligando o Porto de Mauá à raiz da Serra da Estrada e mais tarde à Estrada de Ferro Central do Brasil, mas isso só ocorreu devido ao avanço industrial fazendo com que o governo desse esse grande salto. Tem-se também o positivismo que surgiu na França no início do XIX, era uma corrente filosófica que tinha como fundamento analisar a realidade, assim as produções literárias do Realismo no Brasil voltaram-se à realidade brasileira.

O Realismo surgiu na França, com a publicação de Madame Bovary de Gustave Flaubert no ano de 1857. E no Brasil teve início, em 1881, com as obras Memórias Póstumas da Brás Cubas de Machado de Assis e O Mulato de Aluísio Azevedo.

Esse movimento literário surge em meio à Revolução Francesa. Neste momento a sociedade se dividia entre a classe burguesa e a operária. Essa era uma realidade contraposta ao que a sociedade tinha vivido até aquele momento. Surgia, então, o progresso tecnológico, o avanço da energia elétrica, as novas máquinas. Entre as correntes filosóficas da época destacaram-se o Positivismo, o Determinismo, o Evolucionismo e o Marxismo. Sendo que o Positivismo é o pensamento filosófico que exerce mais influência no surgimento do Realismo, isso devido à análise da realidade através de observações e de comprovações racionais.

De acordo com Campedelli (1999, p.156),

> O Realismo posiciona-se contrariamente ao tradicionalismo romântico. Trata-se de uma arte engajada que tem compromisso com o momento presente e com a observação do mundo objetivo e exato. Os escritores realistas consideram possível representar artisticamente os problemas concretos de seu tempo, sem preconceito ou convenção.

Pode-se dizer, então, que o Realismo trata-se de uma escola literária que ia contra os ideais românticos. Os autores realistas não se envolviam nos romances, eles representavam a vida e os romances eram uma forma de criticar as instituições sociais em declínio, um exemplo, é o casamento. Fazia-se uso de narrativas detalhistas analisando a sociedade “por cima”, procurava também criticar e denunciar a hipocrisia da classe burguesa e assim analisar seus valores. O romance realista é documental, é o retrato de uma época.

Como afirmou Eça de Queirós: “Outrora uma novela romântica, em lugar de estudar o homem, inventava-o. Hoje o romance estuda-o na sua realidade social”

(SIMÕES, 1968, p. 69). São características do Realismo: a objetividade, linguagem simples, exposição social e cultural dos personagens, a reprodução da realidade observada, personagens baseadas em pessoas comuns, lei da causalidade e a preocupação em mostrar personagens nos aspectos reais.

É importante destacar uma tendência mais avançada dentro do Realismo, o Naturalismo. Esta tendência teve como idealizador Emile Zola.Tendo base em ideias científicas da época, transformou o homem em um objeto a ser estudado, sendo influenciado a partir da realidade e do ambiente em que vive, agindo condicionado por suas características biológicas.

> [...] o naturalismo apresenta romances experimentais; a influência de Darwin se faz sentir na máxima naturalista segundo a qual o homem é um animal; portanto, antes de usar a razão, deixa-se levar pelos instintos naturais, não podendo ser reprimido em suas manifestações instintivas, como o sexo, pela moral da classe dominante. A constante repressão leva às taras patológicas, tão ao gosto naturalista; em conseqüência, esses romances são mais ousados e erroneamente tachados por alguns de pornográficos, apresentando descrições minuciosas de atos sexuais, tocando, inclusive, em temas então proibidos, como o homossexualismo: tanto o masculino, como em O Ateneu, quanto o feminino, em O cortiço. (CASTRO, 2014).

Em moldes gerais, o Naturalismo possui os mesmos princípios artísticos, científicos e filosóficos do Realismo. Diferencia-se por uma identificação mais aprofundada das teorias científicas da época, usava também a obra artística como um instrumento de denúncia social. O romance naturalista é marcado pela análise social a partir de grupos humanos marginalizados, valoriza o coletivo.

5 A MULHER NO ROMANTISMO E NO REALISMO: História e Literatura

O século XVIII, no qual se desenvolveu o Romantismo, se formou como um momento de um profundo rompimento dos princípios na história do pensamento ocidental. Essa ruptura se deu, especificadamente, com o desenvolvimento de novas ideias e teorias surgidas, principalmente, na França e na Inglaterra. A partir disso foi formada uma estrutura intelectual conhecida historicamente como Iluminismo.

Os pensadores iluministas, a partir de teorias e inúmeros debates, concluíram que somente a partir do uso da razão os homens alcançariam o progresso social, material, político. Em relação às mulheres, a maioria dos filósofos iluministas consideravam estas como desprovidas de razão, de maneira amena, possuíam um raciocínio inferior. Para eles as mulheres eram incapazes de formular qualquer invenção, ou seja, estavam exclusas da genialidade, mesmo que podendo ter algum sucesso no campo da literatura. Esse conceito partia de uma visão de incapacidade baseada numa psicologia natural.

A partir desses pressupostos a mulher era um ser da paixão e da imaginação, não do conceito. As ideias de Rousseau influenciaram fortemente essa época iluminista e, segundo ele, “o mundo doméstico é o livro das mulheres, e não há necessidade de qualquer outra leitura” (BRANCO 2014). Segundo esse filósofo, a incapacidade de raciocinar como o homem suscita na mulher a impossibilidade de compreender questões de ordem religiosa, assim a mulher como filha deveria ter a religião do pai e como esposa, deveria ter a religião do seu marido.

O Romantismo, que teve início no século XVIII, carregou os traços sociais que formavam a personalidade feminina dentro dos valores burgueses. Nesse contexto, tais valores, além de determinarem os preceitos no contexto social, norteavam também a escrita dos romances de folhetins. As histórias apresentavam alegoricamente a valorização dos valores burgueses, o primeiro amor, à primazia pelos sentimentos, a pureza feminina e sua atuação no contexto social.

Desta forma, percebe-se, através dos romances do século XVIII, que essas mulheres eram criadas para viver de acordo com os preceitos exigidos por uma sociedade que primava por valores como família e casamento. As mulheres eram educadas desde seu modo de vestir, até a maneira de comporta-se à mesa, mesmo tendo problemas comuns como qualquer ser humano, a sua essência de

idealização se mantinha acima de todos os defeitos. O sexo feminino era imaculado, sinônimo de inocência e beleza. Percebe-se, então, que o amor, a sensibilidade, a emoção, a figura feminina terá na literatura romântica um papel marcante.

É perceptível em algumas obras românticas que a figura idealizada da mulher balanceia entre duas intenções: a mulher como anjo e outra como demônio. Nessas tendências a mulher anjo lava o coração do amante, fortalece sua alma aproximando-o de Deus, ao mesmo tempo em que o encoraja na sua missão política e patriótica. Tem-se, nesse caso, a mulher como uma inspiração, e o amor como uma virtude, puro e verdadeiro. A mulher como demônio enfeitiça, seduz. Nesse contexto, o amor aparece como uma maldição, um tormento. Nos exageros românticos esse amor abre as portas para o paraíso ou conduz ao inferno. Paixões devoradoras os dirigem aos abismos. Em moldes gerais, a mulher amada “era sempre perfeita e imaculada como uma figura vista de longe, todo o amor e a admiração vinham da observação e da imaginação do quão perfeita seria a vida com ela se esse desejo se concretizasse” (EHLERS, 2014).

O Realismo surgiu na segunda metade do século XIX. Nesse período destaca-se a expansão da economia capitalista em todo o mundo centrada, principalmente, na Europa. Dessa forma, tudo girava em torno desta: as condições socioeconômicas, a moda, as artes, e a literatura. O estilo burguês se sobressai cultural e economicamente, mesmo que seus hábitos fossem considerados impróprios pela velha nobreza o mundo torna-se capitalista, em outras palavras, feito pela e para a burguesia.

A crise das artes refletia simultaneamente a crise de uma sociedade. A sociedade liberal burguesa do século XIX estava em processo de destruição de suas bases, dos sistemas de valores e entendimento intelectual que, outrora,a ordenavam e a estruturavam. Essas mudanças ocasionaram nadesagregação do modelo idealista do amor romântico proporcionando expansão do naturalismo como representação da realidade.

A mulher, por sua vez, assume um papel diferente diante de suas obrigações anteriores de esposa, criança indefesa e dependente. Contribuíam para o projeto familiar de volubilidade social demonstrando-se com uma postura exemplar de mãe, esposa, e também repleta de beleza diante dos salões públicos. Neste momento as mulheres passam a fazer parte de um capital simbólico mais relevante na perspectiva social, isto porque embora a autoridade familiar continuasse em

mãos masculinas, esses estavam imersos nas relações familiares onde as mulheres eram fundamentais na conservação de seu prestígio social. Assim, estas deviam manter sua aparência e o rigor de sua conduta. Ao mesmo tempo, essas damas passam a frequentar o teatro, passeiam pelas ruas, expõem-se nos cafés, saem de férias em viagens ferroviárias, vão aos banhos de mar. Esses passeios acabam por favorecer os encontros e aventuras extraconjugais nos gabinetes privados.

A partir dessa “liberdade”, “a mulher não faz senão deixar adivinhar sua sensualidade, evitando, assim, comprometer-se plenamente. O novo erotismo impõe a delicadeza, o jogo de sedução, o refinamento, as complicações sensoriais” (DUBY, 1990, p. 546).Esse novo perfil feminino de erotização abre espaço para um temor, o adultério feminino que, na época, era considerado um crime, sujeito à pena de de morte, avaliado como crime de honra. Segundo Duby (1990, p. 555), “As causas para o aumento do adultério feminino na pequena burguesia são: atenuação do controle familiar sobre a filha crescida; ascenso moderado da higiene íntima; [...] o hábito de deixar-se acariciar livremente, [...] exibição erótica do corpo”.

Nesse contexto que floresce a literatura realista “o amor físico domina o romance e a poesia” (CORBIN, 1991, p. 561). Esse movimento literário revolucionou a aparência da mulher na literatura. Esta, por sua vez, passa a ser retratada de maneira mais próxima da realidade. A mulher realista é forte e decidida, seduz todos os que não simpatizarem com seu jeito, conquista uma sociedade machista deixando o marido, antes privilegiado, em segundo plano. É uma mulher sedutora, sabe bem o que quer e torna-se adúltera.

> No fundo de seu coração, ela esperava que algo acontecesse. Ela não sabia o que seria, o que o vento lhe traria. Mas toda manhã, ao acordar, ela esperava que aquele fosse o dia. Escutava todos os sons, observava cada nova face na rua fora de casa esperando por um sinal, e não entendia porque nada acontecia. E ao pôr-do-sol, mais triste que nunca, ela aguardaria esperançosa a chegada do próximo dia. (FLAUBERT, 2002, p. 30).

Madame Bovary de Gustave Flaubert inaugurou o Realismo na França. Nesta obra, o autor retratou fielmente a sociedade francesa da época que, com a futilidade e sentimentos efêmeros, distanciava a França dos preceitos até então pregados pela Revolução Francesa. A partir de uma análise da figura de Emma Bovary, percebe-se que a mulher tem sentimento de fuga, queria se desfazer da postura socialmente fingida abrindo espaço para contentar os prazeres dos romances proibidos.

É certo afirmar que o perfil das mulheres, assim como da Literatura, é modificado conforme os interesses e transformações ocorridas na sociedade. E a mulher, por sua vez, está até os dias atuais com suas características femininas, criticam, atraem e seduzem a sociedade.

6 CONHECENDO AS OBRAS: Senhora, de José de Alencar e O cortiço, de Aluísio de Azevedo

- **Senhora**

José de Alencar publicou o romance Senhora em 1875. Este foi um dos últimos publicados pelo autor. Senhora é o romance da maturidade do autor e é considerado uma das obras primas e principais da literatura brasileira. Quando o Romantismo estava vivendo seus últimos dias de glória o autor faz uma trilogia de obras para traçar perfis de mulher: Diva, Lucíola e Senhora. Esses perfis são marcados pela complexidade e encanto das mulheres perante as mediocridades sociais da época.

Em Senhora, o autor José de Alencar tematiza os problemas do século XIX e expõe o casamento por interesse utilizado pelos jovens. Portanto, um dos aspectos mais relevantes da escrita do autor nessa obra é a análise psicológica dos personagens. O enredo mostra claramente a mistura de elementos romanescos e da realidade. Escrito em terceira pessoa, é usada a técnica narrativa do narrador onisciente, ou seja, aquele que sabe tudo sobe os sentimentos e pensamentos dos personagens.

O tema deste romance - o casamento por interesse - condiciona sua composição. Este, por sua vez, divide-se em quatro partes, que correspondem às etapas de uma transação comercial: O Preço, Quitação, Posse e Resgate.

Senhora é um romance passado na primeira metade do século XIX que expõe ao leitor, como pano de fundo, valores e costumes da aristocracia escravista do Segundo Reinado.

Aurélia Camargo era uma moça pobre, tinha perdido o irmão e o pai. Sua mãe, temendo morrer e abandonar a filha desamparada, insistia para que esta fosse

ficar na janela pra ver se arrumava um casamento. Realizando tal desejo, conseguiu muitos admiradores e um grande e único amor, Fernando Rodrigues Seixas.

Fernando Seixas vivia com a mãe e duas irmãs. Levavam uma vida pobre, pois viviam do aluguel de dois escravos, da costura e da pequena ajuda que Fernando dava com seu emprego público. Este se encontrava apaixonado por Aurélia e decidiu pedir sua mão em casamento, porém logo mudou de ideia, pois sabia que casando com ela teria uma vida pobre e perderia sua liberdade deixando, assim, de frequentar a sociedade. A partir dessa perspectiva, o romance esfriou e o noivado foi rompido. Fernando resolveu se casar com Adelaide, pois receberia um dote de trinta mil contos de réis.

Neste mesmo período o avô paterno de Aurélia apareceu, mas faleceu logo em seguida, quase ao mesmo tempo em que sua mãe, no entanto, seu avô lhe deixara sua rica herança. Aurélia tornou-se uma moça rica. Sua tutela foi entregue a seu tio Lemos que havia cortado as relações com a mãe de Aurélia há tempos. Mas ela preferiu viver em uma casa com D. Firmina, uma amiga viúva que a tinha amparado quando ficara sozinha no mundo.

Fernando viajou para Recife na esperança de escapar do casamento. Com sua ausência, Adelaide se reaproximou de Dr. Torquato Ribeiro. Aurélia lhe havia devolvido cinquenta mil contos de réis que a muito lhe devia e assim o pai de Adelaide lhe consentiu a mão da filha. Quando Fernando voltou já estava livre do casamento, foi então que Lemos lhe propôs casar-se com uma moça em troca de um dote de cem mil contos de réis. Este, portanto, acabou por aceitar a proposta e recebeu um adiantamento de vinte mil contos de réis, logo depois conheceu a moça, que era Aurélia. Alegrou-se, pois sempre a amara.

Fernando e Aurélia se casaram. No quarto de núpcias, quando Fernando se declarou, sua, então esposa, friamente entregou-lhe o resto do dote e disse que ele a pertencia, afinal acabara de comprá-lo. Nessas condições passaram a viver um falso casamento, dormiam em quartos separados e sempre se tratavam intimamente com sarcasmo e ironia. Com o decorrer do tempo Fernando se dedicou ao trabalho de servidor público e Aurélia passou por um longo tempo se isolando de todos. Depois de tal isolamento dedicou-se a festas, visitas e pequenas reuniões contínuas.

Ao voltar de um baile quase houve uma reconciliação, no entanto, isto não aconteceu. Então, durante uma valsa, em um baile próprio, Aurélia desmaiou e, juntamente com seu esposo, acabaram sozinhos em seu quarto. Nesse momento

quase houve novamente uma reconciliação, mas Fernando, sem querer, disse palavras que ofenderam a sua esposa. Voltaram para o baile, ainda vivendo de aparências. Quando a festa acabou cada um foi para seu quarto. Aurélia, baseando-se nos recentes acontecimentos, concluiu que Fernando realmente a amava, quase foi ao encontro dele, mas precisava ter ainda mais certeza daquilo abandonando, assim, a ideia.

Nos dias seguidos Fernando recebeu o dinheiro que havia ganhado através de um investimento, pediu para conversar com Aurélia. Após o jantar foram para o quarto desta, lá, o esposo entregou a ela um cheque com o mesmo valor que sua esposa havia pagado pelo dote e mais os outros vinte mil contos de réis conquistados no trabalho na repartição e com o lucro do investimento. Declarou-se livre, pois havia lhe devolvido o dinheiro com o qual ela o havia comprado.

Considerando-se dois estranhos, despediram-se. Nesse momento Aurélia confessou todo o amor que tinha por Fernando, afirmou que sendo eles agora estranhos o passado havia sido esquecido e assim podiam viver o amor que sentiam. Fernando, ao ouvir tal confissão, beijou sua esposa e assim se reconciliaram. Ele, de repente, hesitou, pois o dinheiro de Aurélia os impedia de se amarem, ela, então, pegou em uma gaveta um documento, tratava-se de seu testamento no qual deixava tudo para Fernando. Era prova de seu amor. Estavam ambos redimidos de seus erros. "As cortinas cerram-se, e as auras da noite, acariciando o seio das flores, cantam o hino misterioso do santo amor conjugal.” (ALENCAR, 2000, p. 132), assim Aurélia declara seu amor e se entrega a Fernando.

- **Sobre o autor**

José de Alencar nasceu em Mecejana-Ce, no dia 01 de maio de 1829. Filho de José Martiniano de Alencar, senador do império, e de Ana Josefina. Em 1838 muda-se para o Rio de Janeiro. Com 10 anos de idade ingressa no Colégio de Instrução Elementar. Com 14 anos vai para São Paulo, onde termina o curso secundário e ingressa na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

José de Alencar foi romancista, dramaturgo, jornalista, advogado e político brasileiro. Foi um dos maiores representantes da corrente literária indianista. Foi escolhido por Machado de Assis para patrono da Cadeira n° 23 da Academia Brasileira de Letras. Suas obras são especialmente bem sucedidas quando o autor

transporta a tradição indígena para a ficção.

Em 1856, publicou Cartas sobre a Confederação dos Tamoios. Nesse mesmo ano lançou seu primeiro romance, Cinco Minutos. Publicou, em forma de folhetins, O Guarani, no ano de 1857. Essa obra lhe rendeu popularidade.

Alencar conseguiu escrever de forma primorosa sobre os mais importantes temas que estavam em voga na literatura da época, descrevendo desde a sociedade burguesa do Rio até o índio ou o sertanejo das regiões mais afastadas. Toda a sua extensa gama de romances pode ser dividida em quatro temas distintos: romance urbano, romance indianista, romance regionalista. Cabe agora fazer uma breve apreciação de cada uma dessas categorias, seguindo a ordem acima exposta.

- **Romance Urbano-** onde se tem como principal característica retratar e criticar os costumes da sociedade. Nesse sentido, Alencar avança numa característica que se tornará importante ao gênero romance: a observação psicológica das personagens. Ao mesmo tempo, faz crítica de costumes sociais de sua época.
- **Romance histórico ou indianista -** tinha como característica a reconstrução dos costumes, da fala e das instituições do passado. Trazendo também o índio e os costumes indígenas como foco literário.
- **Romance Regionalista -** aborda questões sociais a respeito de determinadas regiões do Brasil destacando suas características e colocando o foco sobre as realidades regionais.

O romance urbano, na qual está inserida "Senhora" (1875), segue, muitas vezes, o padrão do típico romance de folhetim retratando a alta sociedade carioca com todas as suas belas fantasias de amor. O romancista, no entanto, vai além. Por trás de toda a pompa e final feliz onde todos os segredos e suspenses que se desenvolvem nas complicadas tramas são desvendados está a crítica, a denúncia da hipocrisia, da ambição e desigualdade social. Alencar se especializou também na análise psicológica de suas personagens femininas revelando seus conflitos interiores.

José de Alencar se preocupou em retratar sua terra e seu povo de tal forma que muitas obras suas relatam mitos, lendas, tradições, festas religiosas, usos

e costumes observados por ele com o objetivo de dar a feição do Brasil aos seus textos.

Foi o escritor que facilitou a nacionalização da literatura no Brasil e consolidou o romance brasileiro. No ano de 1876, Alencar vendeu tudo o que tinha e viajou para a Europa com Georgina e seus filhos buscando tratamento para sua tuberculose. Em 1877, Alencar morreu no Rio de janeiro, vítima desta doença.

- **O Cortiço**

O cortiço foi publicado em 1890 por Aluísio de Azevedo, no século XIX. É um romance que procura retratar a vida das classes populares que viviam esquecidas pela sociedade do Rio de Janeiro, pois a maioria da população vivia em cortiços tais como as lavadeiras, prostitutas, malandros, imigrantes. Esta obra encontra-se ligada à ideia de um mundo naturalista, ou seja, que o homem pode viver em comunidade, pois tudo contribui para sua formação, seja no contexto histórico ou os fatores hereditários. Aborda também uma dura crítica sobre a situação em que viviam os pobres, pois a obra é voltada para isso, ou seja, como as pessoas viviam e sobreviviam em cortiços no século XIX mostrando, dessa forma, a miséria a que essas pessoas eram submetidas abordando, também temas proibidos como prostituição e homossexualidade. Para alguns críticos os textos naturalistas eram vistos como indecentes, pois mostravam um universo contrário ao da moral.

Nesta obra percebe-se com clareza a visão naturalista, pois mostra a ganância que João Romão tinha em ficar rico. Esta mesma obra mostra também o envolvimento de Jerônimo e Rita Baiana. A ganância de João Romão não chega a ser condenada, pois o mesmo aproveita-se das facilidades que o capitalismo lhe dá, o que o deixa cheio de desejos por enriquecer. Isso acaba se tornando em uma “doença, a febre de possuir”, sua falta de moral e a vontade de ficar rico é tanta que ele acaba até por explorar a companheira Bertoleza trocando-a, mais tarde, por outra esposa a fim de obter mais lucros.

Observa-se o retrato das relações sociais onde o cortiço tem grande importância, pois reúne miseráveis (os moradores) e a riqueza da elite (João Romão) sendo que tanto a elite quanto a classe miserável não respeitavam os padrões morais e acabavam sendo levados por seus instintos.

Jerônimo e Rita Baiana são provas disso, já que o realismo não considerava que se tratava de amor, e simmovidos apenas pelo desejo de obedecer aos instintos e para a preservação da espécie, pois uma das características do realismo na obra está na animalização dos personagens, o instinto natural e sexual e o de sobrevivência.

O Realismo e o Naturalismo mostram semelhanças e diferenças entre si. O Realismo mostra como o homem interage no meio social, enquanto o Naturalismo retrata o homem como um produto de forças naturais, desenvolvendo uma análise do comportamento patológico do homem e seus desejos sexuais, evidenciando seu lado animalesco.

Os autores naturalistas acreditavam que o indivíduo é um mero produto da hereditariedade e que seu comportamento é fruto do meio em que vive e sobre o qual age. Em O cortiço pode-se observar com clareza a face completa do Naturalismo em que o indivíduo é envolvido pelo meio, o cenário é confuso e mostra o cruzamento das raças, a exploração da sexualidade, a violência e a exploração do homem.

Esta obra é a expressão da poesia realista-naturalista tendo como personagem principal o português João Romão (e o próprio Cortiço) que veio ao Brasil com um único propósito: o de enriquecer a qualquer custo. João Romão é uma pessoa muito ambiciosa, não se veste bem, dorme no balcão onde trabalha, comendo os restos das verduras da horta, pois as melhores ele recolhe para vender, explora os vizinhos vendendo vinho misturado com água. Muito pior ele faz com sua companheira Bertoleza, uma escrava que ele conheceu vendendo peixe em frente ao seu comércio, eles então se tornam amantes e, logo depois, ele passa a explorá-la de todas as formas, pega as economias que ela tinha para comprar sua liberdade e constrói 3casinhas que logo são alugadas mentindo para Bertoleza dizendo que lhe havia comprado a sua liberdade mostrando uma carta de alforria falsa.

O progresso de João Romão não se dá apenas através do tempo, mais também de maneira ilícita como o furto de materiais de construção dos vizinhos que ele e a amante praticam.

Contra João Romão tem Miranda**,** outro comerciante rico que acaba por disputar com aquele um pedaço de terra para, assim, tornar maior o quintal, mas na há nenhum tipo de acordo entre ambos. O que causa um atrito entre João Romão e Miranda sempre foia inveja e a ambição ao ver que este possuía uma condição

social melhor que a daquele que começa a trabalhar muito duro e privando-se ainda mais das coisas materiais para conseguir seu objetivo: ficar rico, mais rico que Miranda.

Quando Miranda ganha o título de Barão seu oponente comercial acaba entendendo que não adianta ter apenas dinheiro, mais ser reconhecido pela sociedade.

Para que João Romão tenha essa ascensão social ele pede a mão de Zulmira, filha de Miranda, em casamento, porém Bertoleza vendo que o amante queria usufruir toda a riqueza que eles conseguiram juntos ela logo se coloca contra. Para ver-se livre da amante, João a denuncia como escrava fugida, o que a deixa desesperada eclodindo, assim, em seu suicídio. Após este episódio o caminho está livre para seu casamento com Zulmira. Jerônimo, assumindo a administração da pedreira de JoãoRomão, começa a viver no cortiço com a esposa Piedade. Este se tratade um homem honesto, de caráter e que todos admiravam, no entanto se deixa seduzir pela mulata Rita Baiana, uma das personagens mais famosas da obra, pois esta é dotada de uma sensualidade típico das brasileiras. Como sempre, foi querida por todos, sejam homens, mulheres e/ou crianças do cortiço. Sua volta é comemorada por uma grande festa. Jerônimo acaba se encantando com a mulata e para conseguir ficar com ela acaba por mandar matar o namorado da moça, Firmo, fazendo com que ele entre em um processo de degradação física e moral, assim como sua esposa, Piedade, que por ser abandonada pelo marido por causa de Rita torna-sealcoólatra.

A decadência também atinge os outros moradores do cortiço, como é o caso de Pombinha, uma bela jovem que esperava a primeira menstruação para então poder se casar com João da Costa. No entanto, estava muito atrasada, o que se tornava uma tragédia para os moradores daquele local, pois todos a tratavam como a mais bela e pura flor, sendo que era uma das poucas alfabetizadas do lugare acaba se dedicando a ler e escrever cartas para os moradores do cortiço. Esta, por sua vez,é seduzida pela madrinha e também pela prostituta Léonie. Aquela abandonara o marido tornando-se, assim, prostituta passando a viver uma relação de lesbianismo com Léonie.

- **Sobre o autor**

Aluísio Tancredo Belo Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luís do Maranhão em 1857. Era filho de David Gonçalves de Azevedo e deEmília Amália Pinto de Magalhães. Seu pai era viúvo e sua mãe separada do primeiro marido, o que causou grande desordem moral na época. Desde cedo dedicou- se ao desenho (caricatura) e ao trabalho como guarda-livros e caixeiro.

Seus primeiros estudos foram em São Luís. Quando tinha 19 anos mudou-se para o Rio de Janeiro para morar com o irmão Artur de Azevedo que fazia grande sucesso como comediógrafo e jornalista. Após a morte de seu pai em 1879 retorna ao Maranhão onde começa a escrever, dedicando-se ao jornalismo, sendo o editor de O pensador, um jornal que condenava a burguesia e o atraso de como as pessoas daquela cidade pensavam. Após dois anos lança o livro “O Mulato”, onde este inicia o Movimento Naturalista no Brasil chocando a todos, pois se tratava de uma denúncia à sociedade e ao preconceito racial, já sendo um abolicionista declarado, Aluísio de Azevedo vivia unicamente da literatura lançando folhetins românticos de baixa categoria.

Chega a Buenos Aires em 1910, onde veio a falecer em 1913. Aluísio de Azevedo foi o primeiro escritor no país a utilizar a literatura como método para sobreviver vivendo durante 15 anos com o que ganhava como escritor.

7 ANÁLISE DAS OBRAS

Antes de iniciar a análise das obras literárias, faz-se necessário a definição de alguns conceitos que são importantes dentro dos princípios gerais do estudo da literatura e que não podem ser confundidos.

Considera-se relevante distinguir os conceitos de *historiografia literária*, *crítica literária* e a *análise literária*, que corresponde ao objetivo deste trabalho.

A historiografia literária "se ocupa de todos os fatos literários (de uma época, de um país ou de toda humanidade) e visa a explicar sua evolução" (AMORA, 2010, p.18). Desta maneira, a historiografia literária é entendida como um estudo necessário para o ensino literário que explica a funcionalidade do contexto histórico no ambiente social e educacional.

Segundo Moisés (1967), a palavra "crítica" deriva do grego *Kríneine*que significa julgar. A crítica literária "se aplica a uma determinada obra e visa determinar seu valor" (AMORA, 2010, p.18), e tem a incumbência de apreciar o valor estético da obra em todos os aspectos de sua realização avaliando, também, sua literalidade e a hierarquia do seu valor.

Por fim, a análise literária, que "se aplica a determinada obra literária e visa a explicar sua forma e seu conteúdo" (AMORA, 2010, p.18). Assim, este tipo de análise objetiva verificar e avaliar o texto literário e realiza isso através do recurso de determinados métodos e disciplinas. "A análise define-se como um processo de conhecimento da realidade que não é exclusivo de ciência alguma, nem mesmo de filosofia alguma, religião alguma, literatura alguma" (MASSAUD, 2010, p. 14); isto explica a multiplicidade de conhecimentos que envolvem uma análise literária. A análise implica que a síntese ou a totalidade do texto seja conhecida, dessa forma, a compressão do texto decorre da leitura seguida pela análise (MASSAUD, 2010).

7.1 Senhora de José de Alencar

O Romantismo no Brasil teve como cenário transformações que mudaram os costumes do povo brasileiro. Em 1808 a Corte Portuguesa transfere-se de Lisboa para o Rio de Janeiro, com tal evento foram realizadas muitas reformas na Colônia. Foram abertos portos, o comércio entrou em evidência e tudo isso contribuiu para o

processo de Independência do Brasil (1822). A partir disso houve a ascensão da classe social burguesa, com ela, surgiu um novo pensamento, as vivências familiares e domésticas foram reorganizadas e o indivíduo tem uma nova visão de si mesmo e do meio no qual estava inserido.

A mulher, consequentemente, estava inserida nesse meio social, como afirma Del Priore (2001, p. 223, grifo do autor),

> [...] o nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade. [...] um sólido ambienta familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, constituindo-se.dessa forma, num “tesouro social imprescindível”.

Essa era a realidade da mulher no século XVIII: esposa e mãe. E para ter um bom conceito perante a sociedade devia arranjar um casamento adequado. O casamento entre as famílias dos nobres era arranjado e servia como garantia do status social. Desta forma, o laço matrimonial por amor pregado nos romances estava, muitas vezes, distante da realidade no século XIX, pois esse enlace era promovido a partir das vantagens sociais que as famílias poderiam tere a mulher, nesse contexto, estaria no seio familiar como educadora, uma mãe dedicada e afetiva. Desempenhava um papel social importante, pois os homens dependiam da imagem de suas esposas para demonstrarem o sucesso familiar. Em outras palavras, qualquer escândalo prejudicaria as ambições da família, por isso era preciso manter uma vida com boas aparências.

Senhora está dentro dos romances urbanos escritos por José de Alencar. Essa literatura apresenta o amor como um estado da alma, representa também a realidade da sociedade da Corte. Retrata a personalidade da mulher como um ser forte e em destaque no meio social. Na obra, entram em destaque e em observação os costumes burgueses no Brasil. Aurélia é, portanto, um modelo da mulher burguesa no século XIX.

Uma das principais características do Romantismo é a idealização da mulher. Em Senhora, observar-se que Aurélia Camargo, a protagonista do romance, é idealizada como uma perfeita rainha, isto é colocado pelo narrador no início da obra quando Aurélia, após herdar a fortuna do avô, aparece pela primeira vez na sociedade.

> Tinha ela dezoito anos quando apareceu a primeira vez na sociedade. Não a conheciam e logo buscaram todos com avidez informações acerca da grande novidade do dia [...].
> Mas a serenidade que se derrama por toda a sua pessoa, se de alguma sorte desmaia a cintilação de sua beleza, a embebe de um fluido inefável de meiguice e carinho, que a torna irresistível. Seus olhos já não têm aqueles fulvos lampejos que despedem nos salões e que, a igual do mormaço crestam. Nos lábios, em vez do cáustico sorriso, borbulha agora a flor d'alma a rever os íntimos enlevos. (ALENCAR, 2000, p. 5).

Aurélia é vista como um ser irresistível que encanta a todos no salão, ao mesmo tempo em que desperta interesse dos pretendentes cobiçosos. O narrador no romance é em terceira pessoa, ou seja, um narrador-observador que analisa os detalhes exteriores e estes detalhes é que demonstram a personalidade do ser humano e os lances da vida. Este recurso vai servir para demonstrar a preocupação com a psicologia dos personagens trazendo o romanesco com uma mistura de realidade. A partir desse momento o narrador começa a descrever através dos sentimentos da protagonista as divergências sociais, refletidas nos olhares ambiciosos que a cercam.

O cenário da obra é uma sociedade totalmente capitalista, onde a mulher pobre é explorada sexualmente e alvo da ascensão à burguesia. Assim, José de Alencar extrai o mais legítimo da mulher: a delicadeza, a subjetividade e o amor. Aurélia, mesmo tendo personalidade tão complexa, é humana e encantadora, tem um caráter perspicaz que a coloca à frente de seu tempo. "[...] As revoltas impetuosas de Aurélia eram justamente contra a riqueza que lhe servira de trono e sem a qual nunca por certo apesar de suas prendas receberia como rainha desdenhosa à vassalagem que lhe rendiam [...]" (ALENCAR, 2000, p.06). Aurélia, mesmo sendo pobre, por muito tempo tinha a sagacidade e inteligência que muitas damas da corte não tinham. Sabia discernir as intenções daqueles que a cercavam.

> Por isso mesmo considerava ela o ouro, um vil metal que rebaixava os homens; e no íntimo sentia-se profundamente humilhada pensando que para toda essa gente que a cercava, ela, a sua pessoa, não merecia uma só das bajulações que tributavam a cada um de seus mil contos de réis. (ALENCAR, 2000, p. 63).

Aurélia Camargo era uma mulher diferente de todas as outras que viviam naquela época.Era considerada a mais bela de todas. Uma deusa, rainha, musa, rica e idealizada pelos seus admiradores. Por onde passava encantava e com seu charme seduzia os homens que a viam. Suas características marcantes eram a agilidade, a determinação e a sensibilidade. Isso envolvia sensualmente seus pretendentes.

> Na sala, cercada de adoradores, no meio das esplendidas reverberações de sua beleza, Aurélia, bem longe de inebriar-se da adoração produzida por sua formosura e do culto que lhe rendiam, ao contrário, parecia unicamente possuída de indignação (...) (ALENCAR, 2000, p.10).

O autor a idealiza como uma mulher romântica sendo encantadora, considerada um anjo de mulher, porém continha em seu rosto ternura, escárnio, amor, mas também o desprezo.

> Não era um triunfo que ela julgasse digno de si a torpe humilhação dessa gente ante a sua riqueza. Era um desafio, que lançava ao mundo; orgulhosa de esmagá-lo sob a planta, como um réptil venenoso. E o mundo é assim feito; que foi o fulgor satânico da beleza dessa mulher a sua maior sedução. Na acerba veemência da alma revolta, pressentiam-se abismos de paixão; e entrevia-se que procelas de volúpia havia de ter o amor da virgem bacante. [...] Por isso mesmo considerava ela o ouro um vil metal que rebaixava os homens; e no íntimo sentia-se profundamente humilhada pensando que para toda essa gente que a cercava, ela, a sua pessoa, não merecia uma só das bajulações que tributavam a cada um de seus milhões de cruzeiros [...]. Convencida de que todos os seus inúmeros apaixonados, sem exceção de um, a pretendiam unicamente pela riqueza, Aurélia reagia contra essa afronta, aplicando a esses indivíduos o mesmo estalão (ALENCAR, 2000, p. 06).

Pode-se notar um impacto entre o mundo do amor idealizado, desejado e o apego material. Aurélia tinha um descontentamento, pois sabia que todo culto que lhe rendiam tinha interesses sociais, por isso mostrava-se dama, mas em seu coração planejava a conquista de seus sonhos e objetivos. Além de ser uma mulher rica, forte, bonita é também decidida, segura em suas atitudes.

Outro aspecto a ser analisado na obra é a crítica aos valores sociais no que se refere ao papel da mulher como um ser submisso à vontade do marido. Nesse momento haverá uma quebra dos padrões sociais, pois “para tornar-se criadora, e não criatura, a mulher teria então que matar o anjo do lar para enfrentar a sombra, o outro lado do anjo, o monstro da rebeldia e da desobediência” (DEL PRIORE, 2001, p. 408). É essa a representação da mulher em “Senhora”, Aurélia transgrediu os padrões sociais, deixa de ser pobre após receber uma herança do seu avô e passa a ser uma das personagens mais importante da Corte Carioca. Através do pensando de Aurélia, percebe-se sua contestação diante do comportamento de sua época, uma vida de aparências. Ela, uma moça pobre, tinha uma vida pacata, simples e quando usufrui da fama vê-se cercada de pretendentes interesseiros.

A dama não possuía grandes ambições, vivia apaixonada, tinha convicções perfeitamente inclusas ao perfil feminino do século XIX, mas após ser trocada por dinheiro, torna-se fria, vingativa, forte ao mesmo tempo resguarda sua

delicadeza e inteligência inigualável.

> [...] Quem observasse Aurélia naquele momento, não deixaria de notar a nova fisionomia que tomara o seu belo semblante e que influía em toda a sua pessoa. Era uma expressão fria, pausada, inflexível, que jaspeava sua beleza, dando-lhe quase a gelidez da estátua. Mas no lampejo de seus grandes olhos pardos brilhavam as irradiações da inteligência. Operava-se nela uma revolução. O princípio vital da mulher abandonava seu foco natural, o coração, para concentrar-se no cérebro, onde residem as faculdades especulativas do homem (ALENCAR, 2000, p. 20).

Como se pode perceber, mesmo a sociedade impondo regras a serem seguidas, Aurélia opta por casar-se por amor, tornando-se um anjo e, ao mesmo tempo, um demônio. Tem desejos carnais e desejo de vingança, considera seu amor superior a seu orgulho ferido. Assim, percebe-se que mesmo após relutar durante toda a obra contra o amor de Fernando Seixas, acaba se rendendo à felicidade do casamento.

> Aquela que te humilhou, aqui a tens abatida, no mesmo lugar onde ultrajou-te, nas iras de sua paixão. Aqui a tens implorando teu perdão e feliz porque te adora, como o senhor de sua alma.
> Seixas ergueu nos braços a formosa mulher, que ajoelhara a seus pés; os lábios de ambos se uniam já em férvido beijo, quando um pensamento funesto perpassou no espírito do marido. Ele afastou de si com um gesto grave a linda cabeça de Aurélia, iluminada por uma aurora de amor, e fitou nela o olhar repassado de profunda tristeza.
> Não, Aurélia! Tua riqueza separou-nos para sempre.
> A moça desprendeu-se dos braços do marido, correu ao toucador, e trouxe um papel lacrado que entregou a Seixas.
> O que é isto, Aurélia? - Meu testamento.
> Ela despedaçou o lavre e deu a ler a Seixas o papel. Era efetivamente um testamento em que ela confessava o imenso amor que tinha ao marido e o instituía seu universal herdeiro. - Eu o escrevi logo depois do nosso casamento; pensei que morresse naquela noite, disse Aurélia com gesto sublime. Seixas contemplava-a com os olhos rasos de lágrimas [...].
> -Esta riqueza causa-te horror? Pois faz-me viver, meu Fernando. É o meio de a repelires. Se não for bastante, eu a dissiparei.
> As cortinas cerraram-se, e as auras da noite, acariciando o seio das flores, cantavam o hino misterioso do santo amor conjugal. (ALENCAR, 2000, p.256).

Dessa forma, é possível dizer que José de Alencar, mesmo contestando os costumes e a moral da sociedade carioca do século XIX, não conseguiu excede-la, uma vez que no desfecho do romance Amélia acaba por rende-se a Fernando Seixas, ou seja, à submissão masculina.

7.2 O cortiço, de Aluísio de Azevedo

O Realismo no Brasil tem como contexto histórico a Proclamação da República em 1922. Esse período trouxe vários movimentos sociais e ideológicos que acabaram integrando-se na vida das pessoas modificando sua forma de agir tanto na sociedade como em suas vidas privadas, isto se deu tanto nas classes mais favorecidas quanto nas mais humildes.

A mulher, de acordo com o contexto histórico, desde os tempos mais remotos, esteve vivendo sobre o jugo da igreja, pois carregava consigo o estigma de ser a portadora do pecado original e se mantivera submissa às regras que a sociedade lhe impunha, mas cabe lembrar que no final das décadas de 20 e 30 esta começou a se posicionar perante a sociedade, o que veio a causar um grande incômodo aos conservadores da época.

Isso ocorreu porque durante a República a mulher era vista apenas como um ser maternal que podia cuidar dos seus filhos, dos cidadãos e amá-los, independentemente de quais fossem as circunstâncias, pois esta República trazia em sua origem modelos iluministas e positivistas.

A obra “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo faz parte da literatura realista-naturalista. É rica em detalhes que demonstram o perfil feminino do século XIX contratando as personagens da classe alta e das camadas mais pobres mostrando, assim, a vida privada das pessoas fazendo também um contraste das doenças espirituais dos indivíduos, da moral e dos bons costumes.

O realismo retrata como era a vida da sociedade que vivia no século XIX, baseando-se em envolvimentos não sentimentais, representando ao máximo a realidade e criticando as principais relações sociais como o casamento, denunciando a hipocrisia da época, fazendo uma narrativa minuciosa contando tudo nos mínimos detalhes, pois as personagens eram analisadas psicologicamente. E foi a partir disso que Aluísio de Azevedo escreveu uma de suas grandes obras “O Cortiço”. Esta obra retrata como estava o Brasil no século XIX, as mudanças pelas quais o país estava passando, como se deu a instalação do Capitalismo. Nesta, percebe-se o surgimento de duas novas classes, sendo que uma sempre será marginalizada.

Outro fator importante da obra é o estilo literário que o autor propõe, pois é o fundador do estilo naturalismo no Brasil, propondo-se a mostrar a realidade sem

a subjetividade do Romantismo, mostrando como as pessoas realmente são em seu habitat natural.

Aluísio também retrata em “O Cortiço” como o meio social tem influência sobre o ser humano, além do qual o autor também compara os personagens com animais, às semelhanças físicas e o instinto primitivo herdado pelo homem.

No romance também se pode perceber de forma exemplar a estética-realista, pois nele via-se com muita nitidez a visão que os naturalistas tinham das instituições sociais. Na obra ver-se inicialmente a figura de João Romão, um imigrante português que acaba obcecado pelo exercício do comércio agindo por meios ilícitos para enriquecer, chegando ao ponto de explorar sua amante Bertoleza, sendo que esta ajudou o comerciante a desenvolver seu “império”.

Outro fato que se destaca no livro é também o comerciante português Miranda, que quer a todo custo disputar riquezas com João Romão, no entanto, ao ter sua ascensão na sociedade, logo procura estabelecer uma aliança com João, demonstrando interesse em que sua filha Zulmira se casasse com o comerciante português. Na obra também é possível perceber que o autor Aluísio de Azevedo coloca em seu livro, de maneira inteligente, “O Cortiço” como um dos personagens tão importante quanto as pessoas que lá residiam.

Trata-se de um romance social, pois na obra todas as vidas estão entrelaçadas, sendo o próprio “Cortiço” o causador de tudo. Faz-se uma crítica ao capitalismo selvagem como a ambição do homem. É um romance inovador, pois as classes menos favorecidas começam a ganhar destaque e não somente a burguesia, ambição desmedida de João Romão, o zoomorfismo, comparando as pessoas a animais.

“Leandra [...] a Machona; portuguesa feroz, berradoura, pulsos cabeludos e grossos, anca de animal do campo [...]. Rita baiana [...] uma cadela no cio [...]”. (AZEVEDO, 2007, p. 40). A força do sexo desde ao fim do matrimônio, até adultérios, prostituições, lesbianismo, a obra também tem uma visão determinista fazendo com que o destino dos personagens seja previsível.As condições da mulher como objeto: Bertoleza e Piedade- sendo usadas pelo homem; objeto e sujeito: Rita Baiana- com certa independência e sujeito: Léonie e Pombinha- são prostitutas e independentes do homem.

Nesse período a mulher para ser respeitada tinha que ser casada, cumprindo, assim, suas obrigações de mãe e esposa. Não podia expressar seus

desejos e opiniões. A mulher solteira era considerada uma desgraçada e se não tivesse nenhum homem por responsável era considerada “mulher da vida”. Na obra “O Cortiço” é apresentado diferentes tipos de mulheres, algumas tratadas como objeto de desejo do homem; outras ainda submissas a eles e também tinham aquelas que eram autoritárias, tiravam proveito de algumas situações. Desta forma as mulheres do cortiço eram excluídas por não seguirem os padrões exigidos pela sociedade da época.

Para melhor representar o perfil feminino do século XIX a obra apresenta quatro tipos de mulheres na sociedade: as solteiras, as adúlteras, as lavadeiras e a subordinada.

Dentre as mulheres solteiras estavam Rita Baiana, Léonie e Pombinha.

A mulata Rita Baiana, evolvente e sensual, tornou-se uma das personagens mais marcantes da Literatura Brasileira. O autor retrata a personagem como a própria encarnação da mulata sensual que entorpece o europeu, tendo uma personalidade de mulher forte e atraente e sempre decidida a enfrentar os obstáculos da vida.

> Mas, ninguém como a Rita; só ela, só aquele demônio, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada; aqueles requebros que não podiam ser sem o cheiro que a mulata soltava de si e sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa, arrogante, meiga e suplicante. E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.
> Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca. (AZEVEDO, 2007, p. 62).

Rita Baiana gostava muito de dançar. Suas danças exóticas despertavam o desejo dos homens que ficavam a observá-la nos salões de festa. Rita era mulher de características distintas, no entanto, rotuladas como inferiores, a personagem faz parte de um momento histórico do cenário brasileiro onde as concepções econômicas, políticas, sociais e culturais estão sendo transformadas.

Rita, assim como as outras mulheres solteiras, é descrita como uma mulher diferente dos moldes criados para a imagem da mulher burguesa que deveria ser virgem, pura. Nesse contexto, é a personificação do pior e melhor da mulher, mas tinha orgulho de sua beleza, de sua raça negra, transbordante de sensualidade e alegria.

> [...] tem seus momentos de egoísmo, de fúria, de mesquinharia, para logo em seguida abrir-se toda em generosidade ímpar. É amiga, companheira, carinhosa, brincalhona, devassa, inebriante. Mulher, personagem e símbolo inesquecíveis. Forte, apaixonada e politicamente incorreta, é absolutamente impossível não adorá-la. Sedutora e consciente de seus encantos é maliciosa e faminta de vida, um diabo de saias. (SOARES, 2014).

O prazer não é uma forma leviana de se mostrar no lugar social em que se circula e isso é bem apresentado quando a personagem faz as suas escolhas, a mulher na visão de Rita tem que se constituir a partir de seus íntimos desejos e não apenas obedecer às regras ditadas pela sociedade que insiste em manter o controle do corpo como forma de manter o poder.

Léonie destaca-se por ir além dos costumes das mulheres do século XIX, era prostituta de luxo. “Léonie, com suas roupas exageradas e barulhentas de cocote à francesa, levantando rumor quando lá ia e punha expressões de assombro em todas as caras”. (AZEVEDO, 2007, p. 119). Tinha autonomia financeira, e no cortiço era recebida com grande aprisco, tinha Pombinha como afilhada e agradava-a com roupas e calçadas, isso influenciava a garota a ser uma prostituta igual a madrinha.

Tal desfecho em análise social está ligado ao descompasso entre a moralidade oficial e a realidade, pois o mercado de trabalho não era muito satisfatório para as mulheres pobres, assim, prostituição era considerada por muitas como um meio de ganhar a vida. “O descompasso entre a moralidade oficial e a realidade agia ainda de outra forma para fazer vítimas entre mulheres pobres: promovia, entre as mais ingênuas, a convicção de que se não podiam ser santas, só lhes restava ser puta” (FONSECA, 1997, p. 532).

Pombinha era jovem bonita, querida por todos no cortiço, andava sempre elegante, era educada e tinha bons costumes. A moça possuía uma beleza interior e conquistava a todos com sua simpatia, morava com sua mãe Dona Isabel, seu pai tinha se suicidado após vir à falência.

> Pombinha era muito querida por toda aquela gente. Era quem lhe escrevia as cartas; quem em geral fazia o rol para as lavadeiras; quem tirava as contas; quem lia o jornal para os que quisessem ouvir. Prezavam-na com muito respeito e davam-lhe presentes, o que lhe permitia certo luxo relativo. Andava sempre de botinhas ou sapatinhos com meias de cor, seu vestido de chita engomado; tinha as suas joiazinhas para sair à rua, e, aos domingos, quem a encontrasse à missa na igreja de São João Batista, não seria capaz de desconfiar que ela morava em cortiço.(AZEVEDO, 2007, p. 30).

Pombinha tinha um noivo chamado João da Costa, e estava esperando sua primeira menstruarão para poder casar-se. Léonie tinha forte influência sobre Pombinha, e por ser lésbica acaba por violentar a afilhada. “E devorava-a de beijos violentos, repetidos, quentes, que sufocavam a menina, enchendo de espanto e de um instinto temor [...]". (ALENCAR, 2000, p.135). Pombinha se casa, mas insatisfeita, separa-se, e entrega-se ao mundo da prostituição, tendo assim Léonie como modelo. E esse ciclo viria a continuar, pois Pombinha tinha uma afilhada e a tratava da mesma forma que fora tratada por Léonie. "A cadeia continuava e continuaria interminavelmente; o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher" (ALENCAR, 2000, p.236).

Já a mulher casada tinha forte influência na sociedade, dela dependia o sucesso social do marido. E no cortiço tinha mulheres infiéis aos seus votos matrimoniais, ou seja, mulheres que cometiam adultério. Dona Estela era esposa de Miranda, e mesmo sendo traído ele não se separava dela, pois queria evitar os escândalos sociais, pois ele preferia perdoar a esposa a ter que perder sua posição diante a sociedade. Dona Estela também representava a hipocrisia social durante toda a narrativa, ela é a típica mulher naturalista, cheia de defeitos e taras sexuais.

> Dona Estela era uma mulherzinha levada da breca: achava-se casada havia treze anos e durante esse tempo dera ao marido toda sorte de desgostos. Ainda antes de terminar o segundo ano de matrimônio, o Miranda pilhou-a em flagrante delito de adultério; ficou furioso e o seu primeiro impulso foi de mandá-la para o diabo junto com o cúmplice; mas a sua casa comercial garantia-se com o dote que ela trouxera, uns oitenta contos em prédios e ações da divida publica, de que se utilizava o desgraçado tanto quanto lhe permitia o regime dotal. Além de que, um rompimento brusco seria obra para escândalo, e, segundo a sua opinião, qualquer escândalo doméstico ficava muito mal a um negociante de certa ordem. Prezava, acima de tudo, a sua posição social e tremia só com a ideia de ver-se novamente pobre, sem recursos e sem coragem para recomeçar a vida [...]. (AZEVEDO, 2007, p.35).

Desta forma percebe-se que o casamento de Dona Estela com Miranda dava-se pelas convenções sociais, baseando-se em interesses e

conveniências.“Desgraçadamente para nós, mulheres da sociedade não podemos viver sem o esposo, quando somos casadas; de forma que tenho de aturar o que me caiu em sorte, quer goste dele, quer não goste!” (AZEVEDO, 2007, p.34).

Outra mulher adúltera dentro do cortiço era Leocádia, a mulher de Bruno, o ferreiro, era uma portuguesa pequena, ela o traía com Henrique.

> Depois de alguns minutos, ela parou num lugar plantado de bambus e bananeiras, onde havia o resto de um telheiro em ruínas.
> - Aqui!
> E Leocádia olhou para os lados, assegurando-se de que estavam a sós. Henrique, sem largar o coelho, atirou-se sobre ela, que o conteve:
> - Espera! preciso tirar a saia; está encharcada!
> - Não faz mal! segredou ele, impaciente no seu desejo.
> - Pode-me vir um corrimento!
> E sacou fora a saia de lã grossa, deixando ver duas pernas, que a camisa a custo só cobria até o joelho, grossas, maciças, de uma brancura levemente rósea e toda marcada de mordeduras de pulgas e mosquitos.
> - Avia-te! Anda! apressou ela, lançando-se de costas ao chão e arregaçando a fralda até a cintura; as coxas abertas.
> O estudante atirou-se sôfrego, sentindo-lhe a frescura da sua carne de lavadeira, mas sem largar as pernas do coelho.
> Passou-se um instante de
> silêncio entre os dois, em que as folhas secas do chão rangeram e farfalharam. (AZEVEDO, 2007, p. 70).

Depois de muitas desavenças, Leocádia ela sai de casa e deixa o marido, este, porém perdoa a traição da esposa e a procura pedindo sua volta, naquela época era humilhante perder a mulher para outro homem. Assim, esta relação de necessidade de manter um casamento partia também do homem, pois estes buscavam nas esposas uma forma de ascender-se socialmente, como dizia Miranda, “uma mulher naquelas condições, dizia ele convicto, representa nada menos que o capital, e um capital em caso nenhum a gente despreza! Agora, você o que devia era nunca chegar-se para ela...” (AZEVEDO, 2007, p.34).

Já as lavadeiras eram mulheres independes, dentre elas pode-se destacar Leandra “por alcunha a “Machona”, portuguesa feroz, berradora, pulsos cabeludos e grossos, anca de animal do campo. Tinha duas filhas, uma casada e separada do marido [...]” (AZEVEDO, 2007, p.34, grifo do autor). Ana das Dores que “morava em sua casinha à parte [...] fora casada e que largara o marido para meter-se com um homem do comércio; e que este, retirando-se para a terra e não querendo soltá-la ao desamparo, deixara o sócio em seu lugar.” E também Augusta Carne- Mole, “brasileira, branca, mulher de Alexandre, um mulato de quarenta anos, soldado de policia [...]” (AZEVEDO, 2007, p.36). Essas mulheres pobres tinham um trabalho honesto, muitas delas eram responsáveis pelo sustento da família,

assumindo um duplo papel: de trabalhadora e de dona de casa. Dessa forma, estavam cercadas por uma moralidade oficial desligada de sua realidade. “O salário minguado e regular de seu marido chegaria a suprir as necessidades domésticas só por um milagre. Mas a dona de casa, que tentava escapar à miséria por seu próprio trabalho, arriscava sofrer o pejo da mulher pública.” (FONSECA, 1997, p. 516).

A personagem Bertoleza, diferentemente de todas as mulheres do cortiço, é um exemplo de mulher submissa, aquela que não tinha vez para nada muito menos direito de alguma coisa. Pois sempre vivia sobre o teto de João Romão, o dono do cortiço, onde só vivia para satisfazer o seu companheiro e representava o papel de criada e amante, servindo ao homem branco como empregada. O silêncio de Bertoleza mostra características marcantes que são atreladas às mulheres daquela geração.

> Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda. Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado lá por fora; fazia a sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços, e à noite passava-se para a porta da venda, e, defronte de um fogareiro de barro, fritava fígado e frigia sardinhas, que Romão ia pela manhã, em mangas de camisa, de tamancos e sem meias, comprar à praia do Peixe. E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa do seu homem, que esta, valha a verdade, não era tanta e nunca passava em todo o mês de alguns pares de calças de zuarte e outras tantas camisas de riscado. (AZEVEDO, 2007, p. 20).

Esse trecho revela a condição de escrava de Bertoleza, João Romão seguia o que a burguesia buscava: o controle social com o objetivo de crescimento econômico. Desta forma, João Romão representaria a burguesia e Bertoleza os explorados.

Bertoleza tinha uma relação de total dependência e inferioridade. Por ter confiado suas economias e segredos a João Romão, passou a ser tratada indiferentemente, trabalhava de sol a sol, era despreocupada com beleza e higiene pessoal, vivia para agradar e enriquecer seu amásio. E mesmo após o sucesso de João Romão, Bertoleza continuava sendo escrava deste, e por tentar cobrar o que era seu por direito, acaba sendo mais uma vez vítima da desonestidade, da maldade de seu companheiro que acaba por denunciá-la como escrava fugida, e ela para não ir presa, prefere cometer suicídio.

A partir desta análise percebe-se que a partir da representação das mulheres que pertenciam à elite Republicana brasileira na obra O cortiço, Aluísio de Azevedo expõe a origem e a promiscuidade das mulheres que pertenciam às classes inferiores, tratando-as como seres disformes e dominados por seus instintos primitivos.

8 CONCLUSÃO

Durante séculos a mulher foi tratada como um sexo frágil e inferior ao homem. Foi predestinada e vista como um objeto que devia ser moldado a obedecer o que a Igreja pregava, isto lhe serviria para agradar seu pai e posteriormente seu marido. A mulher não podia expressar seus sentimentos, era recatada, pois a sociedade sempre exaltava a superioridade masculina.

Dentro da sociedade o casamento era um contrato realizado com um objetivo: o intuito de perpetuar a família, mantendo sua posição social. Qualquer desvio dos padrões estabelecidos pela Igreja geraria um escândalo que abalaria a estrutura familiar. Por isso a mulher exercia um papel primordial dentro da família, dela dependia o sucesso desta instituição social.

Esse contexto sociocultural quase não mudou ao longo dos séculos, as mudanças mais visíveis só se deram a partir da década de 60, com o surgimento dos primeiros movimentos feministas. Assim as mulheres passaram a buscar seu espaço no mercado de trabalho, mas continuavam a cumprir seu papel de mãe e esposa.

No Romantismo, a mulher foi idealizada, sendo bela e pura, tocá-las seria um maior erro de um homem daquela época, pois as mesmas possuíam características de deusas e eles seres efêmeros em face a mulher amada, sendo que estas na maioria das vezes faziam parte somente dos sonhos de muitos cavalheiros. Que chegavam ao extremo em suas paixões, com um amor que consumia toda sua vida e o tornava homem (objeto) entregando-se em favor de uma paixão.

No Realismo as mulheres tinham defeitos e começaram a ser vistas com desejo pelos homens, era um ser sedutor que poderia causar a felicidade eterna ou a destruição. Dentre os inumeráveis temas focalizados pela literatura está a evolução da mulher, representada por personagens femininas. Percebe-se, no decorrer das diferentes épocas históricas e literárias, que a mulher segue a linha do tempo, mas não de maneira uniforme.

A partir disso percebeu-se que o perfil das mulheres dentro da Literatura mudou conforme as transformações sofridas pela sociedade. Como é o caso das mulheres românticas eram seres angelicais, este era o estereótipo que a burguesia

pregava para as mulheres, mesmo que, às vezes, não desse certo. E no Realismo a sociedade burguesa já estava constituída e surgiram os críticos dela. E a mulher já não era idealizada, era uma pessoa baseada na realidade e que estava sujeita a cometer erros.

Desta forma, a primeira impressão a ser tirada desse estudo é que as mulheres evoluíram. Isto foi perceptível a partir da análise das obras literárias e historiográficas que são a representação da realidade. Mostrando um universo que se molda a cada tempo mediante um processo de construção e reconhecimento da figura feminina na sociedade.

Em Senhora, José de Alencar, representa o casamento burguês, sendo a mulher é a protagonista dentro da sociedade da época. Aurélia, uma jovem que se dividia entre o amor e o ódio da pessoa amada. Aurélia era idealizada como uma deusa, uma rainha. Assim os traços do Romantismo estão claros, pois a idealização da mulher é um das principais características do Romantismo, a personagem é retratada com idolatria, delicadeza e perfeição.

Na obra O cortiço, que pertence ao Realismo brasileiro, e é caracterizada pela estética naturalista, a vida da mulher é retrata nas diferentes camadas sociais. A mulher foi apresentada em diferentes visões, demonstrando suas emoções e as impressões da realidade social na qual estava inserida. O autor destaca o comportamento, as condições sociais do universo feminino, a mulher é apresentada tal qual é na realidade. Passou então de perfeita, idealizada, para sedutora, perspicaz, adúltera e repleta de imperfeições.

Desta forma percebe-se que a Literatura por meio de um contexto político e social, retrata a realidade de diferentes momentos históricos. Assim a mulher foi representada na Literatura, tal qual era tratada na época em que as obras foram produzidas. E a partir da análise dessas obras literárias, percebeu-se que a mulher assumiu diferentes personalidades frente às mudanças da sociedade.

Nesse contexto, o presente trabalho torna-se relevante, pois evidencia a relevância da figura feminina dentro da sociedade, sem nenhuma intenção de esgotar o assunto, mas sim de contribuir para a divulgação e fomentar o gosto e o conhecimento do universo que envolve as obra literárias e a figura feminina neste contexto, pois este é um tema de ampla significação, a partir das obras analisadas pode-se perceber claramente o retrato da sociedade daquela época, proporcionando uma visão de mundo de acordo com as interpretações dos autores das obras.

REFERENCIAS

AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria da literatura.**18 ed., São Paulo: Pensamento- Cultrix -LTDA, 2010.

ALENCAR, José de. **Senhora.** 34ed., São Paulo: Editora Ática, 2000.

ALVARES**,** Helen Souza Isidoro Soares**. A Mulher Na Literatura Brasileira.** Disponível em: <http://www.artigos.com/artigos/humanas/artes-e-literatura/a-mulher-na-literatura-brasileira-878/artigo/#.UwvMXvldUb0>. Acesso em: 25 de janeiro de 2014.

AMARAL, JÉSSICA FORTUNATA DO.**O Casamento na Idade Média**: a concepção de matrimônio no *Livro da Intenção* (c. 1283). Disponível em: <http://www.rotadoromanico.com/SiteCollectionDocuments/Romanico_Mais%20Informacao/Artigos/Sociedade/O_Casamento_na_Idade_Media.pdf>. Acesso em: 05 de julho de 2013.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Ática, 2007.

BRANCO, Eustáquio Lagoeiro Castelo. **A Posição da Mulher no Pensamento Filosófico do século XVIII**. Disponível em: <http://www.eduquenet.net/mulheriluminista.htm>. Acesso em: 20 de março de 2014.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff. **Literatura história e texto 2.** 7ed.,São Paulo: Editora Saraiva. 1999.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1985.

CARRUJO, Carolina. **O papel da mulher na sociedade**. Disponível em: <http://www.notapositiva.com/trab_estudantes/trab_estudantes/filosofia/filosofia_trabalhos/papelmulhersocied.htm>. Acesso: 06 de janeiro de 2014.

CASTRO, André F. de. **Características do Naturalismo.** Disponível em: <http://www.coladaweb.com/literatura/realismo-e-naturalismo>. Acesso em: 20 de abril de 2014.

DAVI, Tânia Nunes. **Subterrâneos do autoritarismo em Memórias do Cárcere** (de Graciliano Ramos e de Nelson Pereira dos Santos). Uberlândia: EDUFU, 2007.

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.).**História das mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento: 1990.

EHLERS, Luiz. **O romântico e o realista: as diferenças que geraram obras tão antagônicas e marcantes.** Disponível em: http://www.revistafantastica.com.br/reportagens/o-romantico-e-o-naturalista/. Acesso em: 04 de abril de 2014.

FLAUBERT, G. **Madame Bovary**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

FONSECA, Cláudia. “Ser Mulher, mãe e pobre”. In: PRIORI, Mary del (org.). ***História das Mulheres no Brasil*.** 2 ed., São Paulo: Contexto, 1997.

HUFTON, O; DUBY, G; PERROT, M. **Mulheres, trabalho e família:** história das mulheres. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

LE GOFF, Jacques. **Uma longa idade média.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LUKÁCS, Georg. **Ensaios sobre a literatura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasiliense, 1968.

MARTINEZ, Jonne. **A evolução do papel da mulher na sociedade**. Disponível em: <http://lightsuntilmidnigh.blogspot.com.br>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2014.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 28 ed., São Paulo: Cultrix, 1999.

_____. **A análise Literária.** São Paulo: Cultrix, 2008.

_____**. A Criação Literária**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.

NASCIMENTO, Andriele do. **Pré-história**. Disponível em: <http://prehistoria1b.blogspot.com.br/>. Acesso em: 05 de julho. 2013

NEJAR, Carlos.**História da literatura brasileira:** da Carta de Caminha aos contemporâneos. São Paulo: Leya, 2011.

NÍCOLA, José de. **Língua, literatura e redação.**ed.rev. eampl. São Paulo: Scipione, 1998.

PERUCH,Ricardo. **Romantismo - contexto histórico no Brasil**. Disponível em: <http://enemnota100.blogspot.com.br/2007/08/romantismo-contexto-histrico-no-brasil.html>. Acesso em: 04 de julho de 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e literatura**: uma velha-nova história, Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/document1560.html>. Acesso em 26 de maio de 2014.

REIS, Rosenil. **Literatura e Realidade Social**. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/artigos/tecnologia/literatura-e-realidade-social>. Acesso em: 25 de maio de 2014.

SIMÕES, João Gaspar (Org.) **Trechos escolhidos**. Rio de Janeiro: Agir, 1968.

SOARES, Alexsandro Rosa. **O papel da mulher no cortiço**. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Lingua_Portuguesa/artigo/rita_baiana.pdf. Acesso em: 20 de abril de 2014.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **O cotidiano da mulher na pré-história.** Colaborador Brasil Escola 2007.Disponível em: <http://www.brasilescola.com/historiag/o-cotidiano-mulher-na-pre-historia.htm>. Acesso em: 25 de setembro de 2013.

VIEIRA, Marcelo Paulo. et al. **Visões sobre a mulher na idade moderna.** Disponível em: <http://biuvicente.blogspot.com.br/2006/09/vises-sobre-mulher-na-idade-moderna.html>. Acesso em: 30 de setembro de 2013.